

O CAMPO SEMÂNTICO-CULTURAL “RELIGIÃO E CRENÇAS” NA OBRA DE LUIZ GONZAGA

THE THE SEMANTIC-CULTURAL FIELD “RELIGIÃO E CRENÇAS” IN THE WORK OF LUIZ GONZAGA

Sandro Luis de Sousa¹

Resumo:

O trabalho estuda o campo semântico-cultural “religião e crenças” em canções de Luiz Gonzaga pelos pressupostos teóricos da Semântica Cultural, na vertente de Contextos e Cenários. Pretende-se demonstrar que a obra gonzaguiana contém particularidades semântico-culturais de variedades estigmatizadas do Português Brasileiro que se identificam com a variedade rural nordestina. Neste artigo, fruto de nossa tese de doutorado, pretendemos identificar e analisar algumas dessas peculiaridades. Para tanto, os procedimentos metodológicos, fincados em um paradigma qualitativo de investigação científica, contemplaram pesquisa bibliográfica, audições de música, transcrições grafemáticas das canções coletadas e visita exploratória ao município de Exu-PE. A compreensão dos sentidos especializados das lexias empregadas nas canções dependeram de fatores contextuais e cenariais específicos, usados entre as pessoas mais simples da área rural. De fato, no repertório linguístico empregado por Gonzaga, os sentidos dos itens lexicais só foram compreendidos adequadamente, levando-se, necessariamente, em consideração as influências linguísticas do contexto e, em grande medida, as extralinguísticas (conjunto de conhecimentos sócio-histórico-culturais).

Palavras-chave: Semântica Cultural: vertente de Contextos e Cenários. Luiz Gonzaga. Português Brasileiro.

Abstract:

Based on the postulates of Cultural Semantics, from the perspective of Context and Scenario Semantics, this work studies the semantic-cultural field “religion and beliefs” in Luiz Gonzaga’s songs. We aim to demonstrate that the gonzaguian works contain semantic-cultural singularities of stigmatized Brazilian Portuguese varieties which associate with rural northeastern

¹ Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN (IFRN). Doutor em Letras pela UFPB.

language. In this article, we intend to identify and analyze some of these peculiarities. To this end, the methodological procedures, based on a qualitative scientific research paradigm, included bibliographic research, music hearings, transcripts of the songs collected, and exploratory visit to the town of Exu - PE. The understanding of specialized meanings of the lexis used in the songs depends on specific contextual and scenario factors of use, especially among the humblest people from the rural northeastern zone. In fact, in Gonzaga's linguistic repertoire, the meanings of the lexical items are only adequately understood if we take into account the linguistic context influences and, to a large extent, the extralinguistic ones (set of socio-historical-cultural knowledge).

Keywords: Cultural Semantics: Context and Scenario Semantics. Luiz Gonzaga. Brazilian Portuguese.

Introdução

A obra gonzaguiana se reveste de peculiaridades semântico-culturais de variedades estigmatizadas do Português Brasileiro que se identificam com a variedade rural nordestina. Neste artigo, pretendemos identificar e analisar algumas dessas particularidades.

Fazendo ancoragem nos postulados da Semântica Cultural, no campo da Semântica de Contextos e Cenários, o trabalho pretende demonstrar que os sentidos são manifestações linguísticas do significado de uma língua natural, os quais se especializam em contextos e cenários, constituídos por fatos culturais.

O manancial linguístico-cultural no qual se abeberou Luiz Gonzaga é bastante diversificado. Por esse motivo, Ramalho (2012 [2000]) considera difícil estabelecer uma classificação rígida da temática das letras, já que os conteúdos se interpenetram de forma permanente. Mesmo assim, é possível identificar os seguintes campos semântico-culturais característicos de sua obra: seca, saudade, terra, religião e crenças, cangaço, amor e sensualidade, e alegria. Neste trabalho, vamos nos ater ao quarto campo identificado: religião e crenças.

Mirando a esse alcance, analisamos trechos das seguintes canções de Luiz Gonzaga: “Viva meu Padim” e “Frei Damião”.

1. Semântica Cultural: a Semântica de Contextos e Cenários

A corrente conhecida como Semântica Cultural enfatiza as influências de atribuição de sentidos mediadas pelas experiências sócio históricas e culturais das comunidades. Inspirada nessa abordagem, surgiu, no século passado, uma vertente da Semântica Cultural idealizada pelo linguista brasileiro Celso Ferrarezi Júnior. Trata-se da Semântica de Contextos e Cenários (SCC) que tem sido desenvolvida, de forma sistemática, por esse pesquisador desde 1997. Vê-se, portanto, que a SCC é um campo dos estudos semânticos bastante recente. A SCC assume que a semântica é a “ciência que estuda as manifestações

linguísticas do significado” (FERRAREZI JR., 2010, p. 63-64). Partindo desse conceito, Ferrarezi Jr. (2013, p. 71) esclarece que a SCC estuda a “formação e a atribuição dos sentidos na relação entre uma língua e a cultura em que essa mesma língua é utilizada”.

Consoante o que defende a SCC, o nosso pensamento, a língua natural que falamos e a cultura em que estamos inseridos estão continuamente se influenciando na construção dos “sentidos” atribuídos às palavras. Sendo assim, há uma relação obrigatória entre a língua e a cultura. Para a SCC, as palavras de uma língua natural não têm um sentido fixo, porque os sentidos que acreditamos “pertencer” a elas são, na verdade, sentidos costumeiros e culturalmente definidos, tomados apenas como inerentes a essas palavras devido ao nosso “*habitus* linguístico”. Dentro do escopo deste trabalho, tal qual o temos traçado, os sentidos serão vistos e descritos a partir do sistema linguístico do Português Brasileiro e de sua cultura, em especial os sentidos associados a unidades lexicais que caracterizam um vocabulário próprio dos falares rurais e de falantes de origem humilde do nordeste brasileiro.

Os sentidos na SCC são constituídos com base no “princípio de especialização dos sentidos”: “o sentido de um sinal-palavra somente se especializa em um contexto e o sentido do contexto somente se especializa em um cenário” (FERRAREZI JR., 2010, p. 120). Na SCC, especializar um sentido significa defini-lo com precisão, o que exige uma definição exata no processo de comunicação que envolve a inserção de um “sinal-palavra” em um contexto e cenário específicos. É importante destacar que, neste trabalho, sempre que nos referirmos aos termos “sinal” ou “sinal-palavra” deve-se entendê-los como equivalentes à “lexia”.

No processo de especialização de sentidos, constatamos que o **contexto** é associado à **dimensão linguística**, e a língua, não obstante seu caráter estrutural-sistêmico, é considerada como parte da cultura. Por sua vez, o **cenário**, pertence a uma **dimensão cultural, extralinguística**, ou seja, refere-se ao âmbito de uso da lexia, em que o seu sentido é construído social e coletivamente. Segundo Ferrarezi (2010, p. 114), é também nessa dimensão que é construída uma visão de referência, isto é, quando atribuímos sentidos a sinais, não é a referência em si que é mais importante e sim como ela é “vista e construída por meio dos olhos da cultura”. Assim, no Brasil, as diferenças culturais entre as regiões constroem visões de referência distintas e isso é refletido nas linguagens dos falantes.

2. Campo semântico-cultural: religião e crenças

No que tange a este campo semântico-cultural, o locutor faz uso de lexias que demonstram a fé cristã do homem do sertão, predominantemente representada pelos seguidores da Igreja Católica Apostólica Romana². O sertanejo, fervoroso devoto, busca resignar-se pela sorte vivida e apela para a divindade, santos ou religiosos venerados

2 Na década de 70, os católicos representavam 99,7% da população brasileira. No Censo de 2010, o percentual caiu para 64,6%.

pelos nordestinos, a fim de aplacar os sofrimentos decorrentes da seca prolongada e da dor da perda. São representantes desse campo várias lexias, como as que aparecem na canção “Viva meu Padim”:

*Olha lá, no alto do horto
Ele tá vivo, padim não tá morto
Olha lá, no alto do horto
Ele tá vivo padim não tá morto
Viva meu padim, viva meu padim Ciço Romão
Viva meu padim, viva também Frei Damião
Em todos os anos setembro e novembro
Vou ao Juazeiro alegre e contente
Cantando na frente sou mais umromeiro*

Dentro do campo semântico religião e crenças, a figura do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) ou, afetuosamente, no diminutivo, Padim Ciço para os nordestinos, é imperativa. Padim Ciço foi um religioso nordestino que teve suas ordens sacerdotais suspensas (ficou proibido de celebrar missas, confessar, pregar e administrar sacramentos) pela Igreja Católica devido à alegação de um suposto milagre de transformação da hóstia em sangue que, à época, 1889, foi considerado um embuste. Tornou-se líder político na cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, topônimo inspirado na planta homônima, Juazeiro (*Ziziphus Joazeiro*).

O Padre Cícero tentou criar em Juazeiro do Norte “o que hoje se chamaria de um ‘polo de desenvolvimento’. Para atingir seu objetivo, “aliou-se à poderosa estrutura coronelista, que aceitou totalmente” (QUEIROZ, 1986, p. 14). Padim Ciço ficou, então, conhecido na região do Cariri cearense pela metáfora funcional “o coronel de batina”. Sua luta, portanto, abrangia pessoas de diferentes camadas sociais, merecendo o apoio e devoção dos mais humildes. A informação contida nessa renomeação (Padre Cícero > **coronel de batina**) tem origem no necessário conhecimento do cenário sociocultural nordestino.

Mesmo com as restrições do Vaticano, até sua morte em 1934, o padre nunca deixou de ser venerado por milhões de pessoas, principalmente nordestinos, que vão em peregrinação a Juazeiro todos os anos. Não obstante a sua suspensão sacerdotal no passado, em dezembro de 2015, foi anunciado o perdão da Igreja Católica ao Padim Ciço.

A “religiosidade nordestina” de Gonzaga era muito forte. Quando o sanfoneiro morreu, o seu corpo seguiu de Recife até Juazeiro, no Ceará, antes de chegar a Exu. Um mês após a morte de Gonzaga, o filho Gonzaguinha revelou, em uma gravação, o testemunho sobre o desejo do pai de passar pela cidade sagrada para os nordestinos: “é o centro das atenções do Nordeste todo, tem nordestino de todos os cantos, a religiosidade está toda ali, ali se resume o Brasil, sim, porque as pessoas vão sempre pedir alguma coisa” (ECHEVERRIA, 2006, p. 285). Logo, a unidade lexical memorizada *Padim Ciço* remete aos atos de devoção e peregrinação dos nordestinos em relação ao padre que, mesmo sem ter sido canonizado, é considerado, metaforicamente, um santo da região, por

causa de sua conduta julgada impecável e pela atenção aos pobres, sendo merecedor de cultos religiosos todos os anos.

A devoção do enunciador enfatizada na canção é sem interesse. Não há exigência de troca, nem obrigatoriedade do recebimento de bênçãos para que o Padim Ciço seja venerado:

[...] Vou ver meu padim
De bucho cheio ou barriga vazia
Ele é o meu pai, ele é o meu santo
É minha alegria.

A fé do romeiro é genuína, por isso não interessa se ele foi abençoado com comida ou não – a lexia *bucho* é sinônima de *barriga*, *estômago* humano –, pois o Padim Ciço é o pai, é o santo, é a alegria em quaisquer condições.

A canção menciona também o local onde está situado o monumento erguido, em homenagem ao religioso, em 1969: o alto da Serra do Catolé (conhecida como alto do Horto). A lexia Catolé designa uma palmeira (*Syagrus Cearensis*) e seu fruto, o cococatolé ou catolé. O catolezeiro pode atingir até dez metros de altura e se distribui pelos estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Alagoas. Para Souto (2014, p. 50), o catolé é bem adaptado a serras e “áreas de solos rasos com afloramentos rochosos”. Antigamente, quando os romeiros visitavam Juazeiro e não encontravam o Padim Ciço na “cidade”, dirigiam-se à colina onde ficava sua propriedade rural. Para chegar à residência de descanso do religioso, precisavam percorrer uma estrada chamada de Areia Grossa para alcançar o alto da serra. As visitas foram se avolumando, e os sentidos atribuídos a esses lugares foram sendo transformados. Segundo Braga (2014, p. 199),

[...] com o passar do tempo, aquela colina passou a ser chamada de Horto, ainda no contexto das primeiras peregrinações. E a estrada da Areia Grossa passou a ser chamada de Caminho do Horto. Deve-se considerar, contudo, que a adoção desta nova nomenclatura não significou apenas o estabelecimento de novos nomes para antigos lugares e caminhos. A inclusão dessas alcunhas estava atrelada à incorporação de novos sentidos e novas práticas nas romarias de Juazeiro. E, para os romeiros, no que tange ao Horto e ao caminho que se percorria para lá chegar, isso implicava uma prática ritual de sacrifício.

Há, portanto, no novo sentido atribuído à serra, uma clara motivação religiosa pela evocação a um lugar de padecimentos, por alusão ao Horto do Getsêmani, jardim no sopé do Monte das Oliveiras, local da agonia de Jesus antes de ser capturado pelos romanos. A subida do Horto passou a ser uma prática de forte tradição cultural e religiosa, alterando o sentido original da Serra do Catolé, um lugar apenas ligado a costumes e comportamentos religiosos do povo nordestino.

Outras lexias representantes desse campo semântico são encontradas na canção “Frei Damião”:

Frei Damião, onde andará Frei Damião?

Deu-lhe o destino, viver nordestino

É hoje o nosso irmão.

A mesma devoção demonstrada para o Padim Ciço é dedicada também a Frei Damião, Frei Damião de Bozzano (1898-1997), frade capuchinho italiano que disseminou “as Santas Missões” pelo interior do Nordeste. Na canção, o enunciador destaca os preparativos matinais para a organização das “Missões”, evento religioso que reúne grande quantidade de nordestinos em uma marcha religiosa:

*Quando o galo **canta na madrugada***

*Já toda gente de pé se benze na **procissão***

*Numa **marcha santa dentro da alvorada***

Nesta canção, o locutor reúne e divulga diversas lexias que expressam a devoção dos fiéis nordestinos à fé católica e a Frei Damião. O *cantar do galo* na madrugada evoca a metáfora funcional de “relógio dos pobres” a que se refere Cascudo (2012 [1979], p. 321), anunciando a proximidade da hora de levantar para os nordestinos das glebas rurais. A *alvorada* é a hora do crepúsculo matinal e, por processo metonímico, passou a designar qualquer manifestação ruidosa com música ou fogos de artifício ao alvorecer de um dia festivo, como é o caso das *procissões*, cortejos religiosos e solenes em que os padres são seguidos pelos fiéis. O sacerdote era considerado um sucessor do Padim Ciço, por isso a lexia onomástica evoca o sentido de santidade do frei capuchinho:

*[...] Vai na frente o homem, o **quase santo Frei Damião***

Nas missões, era indispensável a *reza* que, além de representar o ato de rezar, a prece, significa, por processo metonímico, cada uma das contas de um rosário³ empregado nas orações (HOUAISS; VILAR, 2009). As pregações de Frei Damião eram anunciadas pela *campa*, lexia polissêmica que contém mais de um sentido (laje sepulcral, sineta ou grupo indígena que habita o sudoeste do Estado do Acre). No entanto, em decorrência de seu uso nesse contexto e cenário específicos, *campa* significa “sineta” ou pequeno “sino”:

*[...] Com **a reza e a camp**a, desperta, canta*

Já chegou o tempo, ninguém perca tempo

*Vamos pras **Missões**,*

***Pecador te ajoelha**, em Deus quem se espelha*

Só pode ter de Frei Damião sua proteção [...]

3 Oração em honra de Nossa Senhora em que se intercalam ave-marias com a meditação dos mistérios, iniciados pela oração do padre-nosso e encerrados pelo glória [Divide-se em três partes, das quais cada uma é composta de cinco dezenas de ave-marias e de cinco padre-nossos.] (HOUAISS; VILAR, 2009).

A oração que se faz em posição genuflexa, ajoelhada, transmite o sentido de submissão do pecante que se curvou à autoridade eclesiástica ou à divindade. Também representa o apelo desesperado nas horas de aflição (CASCUDO, 2011 [1974]). Frei Damião era considerado um sacerdote severo, de “linha dura”. O frei desenvolveu um “estilo próprio de evangelização” representado pelas já referidas *Missões* (ou Santas Missões) que, por metonímia, representam o conjunto do trabalho dos missionários.

Por fim, nessas missões, Frei Damião fazia pregações pelas cidades sertanejas, dando comunhão, recebendo confissões, fazendo caminhadas de penitências ao amanhecer, realizando casamentos e batismos. O frei nunca se fixava em uma paróquia e passava, em média, uma semana em cada município visitado, por isso a referência do locutor ao caráter peregrino do religioso no primeiro verso: *onde andaré frei Damião?*

Considerações finais

Neste trabalho constatamos que o campo semântico-cultural “religião e crenças” divulgado na obra de Gonzaga abrangeu unidades lexicais cujos sentidos mostraram-se autênticos repositórios de valores linguístico-culturais que veiculavam, de forma inequívoca, marcas de compartilhamento de práticas sociais, de crenças e de reconhecimento mútuo entre os habitantes da região Nordeste, mormente entre as pessoas mais simples da área rural. Logo, a compreensão dos sentidos especializados das lexias (sinais-palavras) empregadas nas canções analisadas dependeram de fatores contextuais e cenariais específicos de uso naqueles espaços. De fato, vimos que, nos exemplos do repertório linguístico empregado por Gonzaga, os sentidos dos itens lexicais só foram compreendidos adequadamente, levando-se, necessariamente, em consideração as influências linguísticas do contexto (aquilo que vem antes e depois da palavra) e, em grande medida, as extralinguísticas (conjunto de conhecimentos sócio-histórico-culturais).

Também buscamos demonstrar que Gonzaga usou deslocamentos de sentidos, por intermédio de construções figurativas (metáfora, metonímia), que mobilizaram emoções, percepções de embelezamento e simplicidade das expressões linguísticas empregadas pelos nordestinos mais humildes, oriundos da zona rural. Além disso, entendemos que Gonzaga e seus parceiros foram lúcidos o suficiente para utilizar essas construções linguísticas, típicas do falar do Nordeste, como instrumento de valorização da religiosidade do povo dessa região.

Por fim, esses usos linguísticos destacam ainda mais a obra criativa do autor, demonstrando que as escolhas e as construções que ele usou poderiam ser emitidas de outras formas. Contudo, Gonzaga privilegiou o falar de suas origens, do sertanejo fervoroso, devoto de Padim Ciço e Frei Damião.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara Cascudo. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12 ed. São Paulo: Global, 2012 [1979].

CASCUDO. **Religião no povo**. 2 ed. São Paulo: Global, 2011 [1974].

ECHEVERRIA, Regina. **Gonzaguinha e Gonzagão: uma história brasileira**. São Paulo, Ediouro, 2006.

FERRAREZI JR., Celso; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013.

FERRAREZI JR. **Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à la vie**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2010.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. 2. ed. São Paulo: Global, 1986.

RAMALHO, Elba Braga. **Luiz Gonzaga: a síntese poética e musical do Sertão**. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2012 [2000].

SOUTO, Ana Carla Gonçalo. **Das folhas às vassouras: o extrativismo do catolé (*Syagrus cearensis* Noblick) pela população tradicional de Monte Alegre, Pernambuco, Brasil**. 115 f. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife-PE, 2014.